

Marx e a luta política

MARCOS DEL ROIO

Marília: Editora Lutas Anticapital, 2021. 154 p.

*Renato Nucci Jr.**

A débâcle do socialismo em 1989 abriu as portas de um novo momento histórico. Eufórico, o imperialismo decretou o “fim da história” e a eternidade do capitalismo. Passados trinta anos vemos as contradições intrínsecas ao capitalismo se aguçarem: guerras, crises econômicas, devastação ambiental, destruição de direitos sociais e trabalhistas, altas taxas de desemprego, precariedade, fome, barbárie, obscurantismo, agravamento da dominação imperialista etc.

É nesse cenário que o professor Marcos Del Roio lança seu livro *Marx e a luta política*. Seu fio condutor, nas palavras do próprio autor, consiste na “práxis revolucionária”. No momento histórico em que o comunismo é descartado, inclusive por setores da própria esquerda, o autor encontra nele a única alternativa civilizatória à barbárie capitalista. Aliás, para Del Roio, “a atualidade de se lutar pela superação do capitalismo, pela revolução comunista, cujo sujeito fundamental seria, ontem e hoje, a classe operária” (p.9), é o que distingue, no campo da esquerda, os comunistas dos não comunistas.

Del Roio apresenta a incomparável importância da interpretação marxista sobre outras vertentes que hoje hegemonomizam a esquerda. Apesar de advertir que o livro é uma junção de ensaios produzidos em momentos e com objetivos diferentes, seu intento é o de fazer um balanço da relação entre Marx e a luta política, sem,

* Pesquisador independente e membro do Coletivo Arma da Crítica. E-mail: nucci jr1@yahoo.com.br

contudo, perder de vista a fundamentação para a conquista da hegemonia política no interior da esquerda hoje.

No texto de abertura, “Os tempos do Manifesto Comunista”, Del Roio destaca a importância do *Manifesto* como documento fundador do movimento comunista internacional, capaz de manter uma vibrante atualidade, passados quase duzentos anos de sua publicação. O *Manifesto* constituir-se-ia em “uma síntese preciosa da visão materialista e dialética da história dos homens e, em particular, do capitalismo e sua necessária superação no comunismo, como possibilidade de uma humanidade emancipada” (p.10). Caberia aos comunistas de hoje, lastreados na portentosa produção teórica de Marx iniciada com o *Manifesto*, “construir a classe operária, uma nova classe e um novo movimento político do trabalho, que lute pelo comunismo, pela emancipação humana” (p.27).

Como explicitado no segundo texto, “Luta de classe e luta revolucionária em Marx”, esta não se resumiria em alcançar melhorias na sociedade capitalista. Baseado nas conclusões de Engels, “de que seriam os trabalhadores fabris os agentes principais da negação da ordem burguesa” (p.34), a luta do proletariado teria como objetivo máximo a “negação do capital e do Estado político e a instauração da democracia, entendida como negação do governo representativo e da cisão burguesa entre a sociedade civil e o Estado” (p.36).

Um aspecto importante que perpassa todos os textos é o de que a classe operária (e o proletariado de modo geral) como *classe em si* seria produto do capitalismo. No entanto, sob influência do historicismo de Gramsci, o autor sublinha que a constituição do proletariado em *classe para si* não poderia ser resultado espontâneo do capitalismo, mas uma construção política e cultural. Por essa razão destaca-se a importância da práxis revolucionária do proletariado em sua constituição como classe.

Para realizar essa tarefa, no capítulo “Marx e a internacional: o problema da educação das massas”, Del Roio destaca como, no processo de constituição do proletariado como classe, junto às tarefas de organização, Marx dedicava especial atenção à educação política da classe trabalhadora. Destaca o autor como a produção teórica de Marx estava voltada a esse objetivo: educar politicamente as massas trabalhadoras para que fossem capazes de superar ilusões reformistas, que já estavam presentes na constituição do próprio proletariado no século XIX.

Em “Marx e a questão do Oriente”, Del Roio analisa como, em seu tempo, o “mouro” interpretou tais formações sociais em sua conexão com o avanço do capitalismo europeu sobre essas regiões. Marx, na análise dessas sociedades, teria trabalhado com “o paradigma do despotismo oriental” (p.85), que jungia numa mesma comunidade a agricultura e a manufatura. Nesse caso, Marx teria dedicado especial atenção, no que tange à chamada “questão do Oriente”, ao estudo da China, Índia e Rússia. O autor demonstra como Marx inicialmente operava com uma ideia de revolução burguesa de tipo jacobina e uma revolução socialista dirigida pelo proletariado fabril. Porém, à medida que aprofundou seus estudos sobre o

Oriente e a realidade russa chegou à conclusão que, do mesmo modo como as revoluções burguesas seguiram cursos diversos, a revolução socialista também poderia apresentar uma variedade de formas.

Essa análise, abandonada pelo marxismo prevalecente na Segunda Internacional, fortemente eurocêntrica, foi retomada por Lênin e o movimento comunista inaugurado pela Revolução Russa, que

[...] teve entre seus elementos constitutivos o enfrentamento do nexo entre a particularidade do desenvolvimento capitalista no Oriente-russo e o contexto da fase imperialista do capital, cuja decorrência foi o estabelecimento da necessidade da aliança operário-camponesa no processo revolucionário e nos passos iniciais da transição socialista. (p.107)

O resultado foi um profícuo debate, no seio da Internacional Comunista, acerca do papel dos países caracterizados como “orientais” na luta revolucionária. Essas discussões teóricas se vincularam às tarefas práticas do movimento comunista e se desdobraram no surgimento de um “marxismo oriental”, no qual o campesinato ocupa importante papel revolucionário.

Por fim, em “Engels e a origem do marxismo”, Del Roio analisa como a necessidade de disputar a hegemonia no interior do Partido Social-Democrata alemão impulsionou o desenvolvimento de um trabalho teórico de Engels no sentido de popularizar as teses fundamentais de Marx. O problema, contudo, é que nesse esforço a “elaboração teórica de Engels tendia a enfatizar o materialismo e a subestimar a subjetividade como elemento material fundamental da atividade do ser social coletivo” (p.139). Desse modo, a

visão materialista de Engels se reduziu a um determinismo econômico atenuado pela possibilidade da política incutir forma ao movimento econômico fundamental, mas novamente reforçado pela teoria do reflexo invertido, que faz da política, do direito, da filosofia, da arte, mera ideologia, mera falsa consciência, capaz de agir sem consciência sobre o movimento econômico. (p.143)

O resultado dessa interpretação de Engels implicaria na afirmação de que “não há práxis, não há autotransformação do homem, não há vontade coletiva, não há subjetividade emancipadora, a história transcorre sem sujeito” (p.143). Parece-nos que nesse capítulo o autor busca alertar que a luta pela superação do capitalismo não será resultado direto e objetivo das contradições do modo de produção capitalista, mas será um processo marcado pela práxis do sujeito revolucionário.

Del Roio ressalta recorrentemente que Marx e Engels não reinaram absolutos, teórica e politicamente, no interior do movimento operário. Antes, expressaram uma corrente de opinião e tiveram que disputar a hegemonia política e teórica entre o proletariado europeu. Isso exigiu, em certas circunstâncias, concessões de

Marx e Engels a outras correntes com as quais mantinham profunda discordância, como no caso de Proudhon, que exercia grande influência na seção francesa da Associação Internacional dos Trabalhadores. O mesmo pode-se dizer do Partido Social-Democrata Alemão, fundado em 1889, pela união de tendências ideológicas variadas que reunia “marxistas”, reformistas, semianarquistas e filantropos. Parece-nos que a persistente ênfase em mostrar como Marx e Engels, já em sua época, tiveram que se envolver nos embates políticos europeus entre os trabalhadores seja uma advertência aos comunistas de hoje: a constituição do proletariado exigirá uma atuação decisiva dos comunistas no interior do próprio proletariado.